

## 6. Destino de Jesus-servo de Deus

### 6.1. Introdução

Jesus como Servo de Deus por ter a vocação e a missão de instaurar o Reinado de Deus, conseqüentemente terá o destino de perseguição e morte solidárias para chegar à glória da ressurreição. Convém começar este capítulo com uma asserção de Jon Sobrino sobre o assunto já citando Ellacuría: “A morte violenta de Jesus apresenta dois problemas relacionados entre si, mas diferentes: por que matam Jesus (pergunta histórica pelas causas de sua morte) e por que Jesus morre (pergunta teológica pelo sentido de sua morte)<sup>749</sup>”. A primeira afirmativa se justifica numa dimensão histórica de Jesus, pois ele assumiu plenamente a história humana com toda sua trama, denunciando o mal nos seus variados tipos e anunciando a utopia do Reino de Deus como valor supremo do bem e do amor pleno. Por isso, ele foi perseguido em toda a sua trajetória histórica mantendo coragem e honradez até o ápice da morte de cruz. A segunda asseveração versa sobre a dimensão soteriológica, histórico-salvífica, pois a morte na cruz de Jesus não foi querida por Deus, mas uma vez assumida com liberdade e amor torna-se, para todos, uma eficácia redentora porque foi gesto de solidariedade suprema de amor absoluto e, por isso, Jesus Cristo, como afirma Karl Rahner, “é o portador universal de Salvação<sup>750</sup>”.

### 6.2. Questão religiosa da morte de Jesus

Esta é uma questão muito mais histórica do que teológica<sup>751</sup>. Indubitavelmente, a primeira causa da morte de Jesus foi a questão do poder religioso<sup>752</sup>. No julgamento fica claro: as autoridades religiosas da época o condenam por blasfêmias (Mt 26, 65). A postura de Jesus sobre a Lei (Torá)<sup>753</sup> e o

<sup>749</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 287.

<sup>750</sup> RAHNER, K. *O curso fundamental da fé*, op. cit., p. 233ss.

<sup>751</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 287. Sobrino trabalha esse tema tendo dois grandes coadjuvantes: o teólogo Ellacuría com um artigo: “Por qué muere Jesús y por qué Le matan” (1978) e o livro de J. Moltmann: “O Deus crucificado”.

<sup>752</sup> *Ibid.*, p. 300-319. Vejam-se também obras da Cristologia da Libertação: BOFF, L. *Paixão de Cristo: Paixão do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1977. FERRARO, B. *A significação política e teológica da morte de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1977. TAVARES, S. S. *A cruz de Jesus e o sofrimento no mundo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

<sup>753</sup> GONZÁLEZ FAUS, J. L. *La humanidad nueva*. 9. ed. Santander: Sal Terrae, 1984, p. 57ss.

Templo<sup>754</sup>, seus ensinamentos sobre o perdão e suas práticas de curas e milagres, reintegrando as pessoas excluídas na comunidade-povo e restabelecendo seu relacionamento com Deus mediante a misericórdia e práticas essencialmente do Reino, levaram-no à morte de cruz. Por ser a morte de Jesus na cruz, extrapola os limites da pena de morte em Israel, pois morte de cruz era a pena capital do império romano. Neste aspecto, antes de ser visto como um criminoso político, Jesus foi compreendido como herege religioso, pois os dirigentes religiosos o condenaram em nome de Deus<sup>755</sup>. No julgamento, o sumo sacerdote apela a Deus, diante do silêncio de Jesus:

Eu te conjuro pelo Deus Vivo que nos declares se tu és o Cristo, o Filho de Deus. Jesus respondeu: ‘Tu o disseste. Aliás, eu vos digo que, de ora em diante, vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu’. O sumo sacerdote então rasgou as suas vestes, dizendo: ‘Blasfemou!’ Que necessidade temos ainda de testemunhas. [...] ‘é réu de morte’ (Mt 26, 63-66).

Jesus é condenado à morte em nome do “Deus” dos sacerdotes e da religião oficial da época. E para não se darem outras interpretações correndo o risco de Jesus ser compreendido como um injustiçado pelo sistema religioso israelita, como eram muitos profetas apedrejados (At 7, 58-59), transfere-se para a pena capital aplicada pelos romanos, a morte de cruz e esta em Israel era tida como maldição divina e desmoralização vergonhosa ao extremo. Assim, morte de cruz atingia ao máximo a honra de Jesus diante do povo: “Se um homem, culpado de um crime que merece a pena de morte, é morto e suspenso a uma árvore, seu cadáver não poderá permanecer na árvore à noite; tu o sepultarás no mesmo dia, pois o que for suspenso é um maldito de Deus” (Dt 21, 22-23).

### 6.3. Questão política da morte de Jesus

Outra causa incontestável da morte de Jesus é a questão do *poder político*<sup>756</sup>. Os dirigentes religiosos e políticos dos judeus daquele tempo para condenar Jesus à morte apelam para Pilatos, representante legal do império romano entre eles, transferindo-lhe a responsabilidade sobre seu julgamento e

<sup>754</sup>Ibid., p. 72ss.

<sup>755</sup>SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 302.

<sup>756</sup>Ibid., p. 303.

execução. Foram levantadas todas as acusações de subversão política contra Ele. Apresentaram-no diante de Pilatos como um homem politicamente perigoso para o poder romano, quando o acusam: “encontramos este homem subvertendo nossa nação, impedindo que se paguem os impostos a César e pretendendo ser o Messias-Rei” (Lc 23, 2).

No sinédrio, a acusação feita a Jesus foi a de ‘blasfemo’, puramente religiosa, a qual não interessava menos ao poder romano. Mas diante do representante legal romano, as acusações incriminam Jesus como um perigoso subversivo para o poder político e econômico. Para os acusadores, Jesus tinha se proclamado Messias-Rei, além do incidente no Templo quando Jesus expulsa os vendedores e compradores<sup>757</sup>. Essas acusações feitas pelos sacerdotes a Jesus perante o sinédrio são gravíssimas para o império – mesmo não sendo para os judeus, pois Jesus não fora condenado no sinédrio por causa delas –, porém, diante de Pilatos, são arquitetadas com o objetivo de o poder romano condená-lo à morte de cruz. Com a resposta de Jesus a Pilatos, afirmando ser Ele, o Messias-Rei – mesmo seu reino não sendo deste mundo (Jo 18, 36) – estabelece-se um conflito entre Pilatos e Jesus, haja vista terem compreensões diferentes entre o Reino e o anti-reino e com isso levou Jesus à morte.

Duas procissões são feitas na semana da páscoa judaica do ano 30 da era cristã. Uma foi a de Jesus, vindo do leste, montado num jumentinho e aclamado pelos pobres, camponeses, aldeões, provavelmente os que foram curados e perdoados por ele (Mc 11, 1-11) e, do lado oposto, o desfile militar de Pilatos, vindo do oeste, montado em um cavalo acompanhado pela cavalaria de guerra com toda ostentação como representante do imperador romano<sup>758</sup>. Conforme Jon Sobrino, Jesus é o Messias-Rei portando o Reino de Deus e Pilatos é o representante do anti-reino com todos os seus poderes dominadores<sup>759</sup>. E, a partir desta compreensão, pode-se fazer todos os paralelos antitéticos entre Jesus e Pilatos, entre o Reino de Deus e o reino do império romano, entre o verdadeiro Deus de Jesus e os falsos deuses romanos e assim por diante. O dado claro é a sua morte ser consequência de sua práxis de instaurar o Reino de Deus. Neste aspecto, Ele entra na esteira dos profetas perseguidos e mortos, violenta e injustamente. A

<sup>757</sup> Cf.: Mc 11, 15-19; Mt 21, 12-17; Lc 19, 45-48; Jo 2, 14-16.

<sup>758</sup> BORG, M. J.; CROSSAN, J. D. *A última semana*. Rio de Janeiro, 2007, p. 16ss.

<sup>759</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 305-307.

morte de Jesus foi consequência de sua encarnação na existência humana e da sua inserção solidária na história, e esta missão *kenótica* do Filho de Deus é contra o mundo do anti-reino<sup>760</sup>. Por isso, para quem está ligado a Jesus o segue como “Caminho, Verdade e Vida” (Jo 14, 6); Jesus se torna paradigma universal para todos os seres humanos. O cristão deve empenhar-se para transformar a história numa história na qual se viva o “já” dos valores do Reino antecipados, esperando a plenitude futura do “ainda-não” escatológico.

#### 6.4. Questão teológica da morte de Jesus

Refletiu-se até agora sobre as duas causas da morte histórica de Jesus. A primeira causa foi a questão religiosa, ou seja, o poder religioso do sinédrio do Templo daquela época levou Jesus à condenação da morte de cruz e, a segunda, a questão política tanto interna do governo do “velho judaísmo” representado por Herodes como externa do império romano tendo como representante legal naquele momento em Jerusalém o prefeito Pilatos.

Agora, pensa-se sobre a interpretação teológica da morte de Jesus como entrega total, livre e gratuita para a salvação daqueles que nele creem. Antigamente, falava-se em “morte vicária” (“morte em lugar de”), tendo como principal referencial a entrega do Servo Sofredor, em Isaías 53. O Servo de Deus é como um cordeiro imaculado, inocente e justo, o qual sofre e morre pelos pecadores. Quando os primeiros cristãos aplicaram o título “Servo de Deus” a Jesus já acreditavam, compreendendo ser Ele o Servo justo e sofredor sobre o qual o profeta Isaías profetizara (Is 53). O Novo Testamento compreende Jesus como o “Cordeiro sem mancha que tira nossos pecados” conforme João Batista: “Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1, 29). Veja-se também em Apocalipse: “Vi um cordeiro de pé, como que imolado”. (Ap 5, 6). Atualmente, os principais pensadores sobre Jesus, reinterpretam “morte vicária” usando a expressão “morte solidária-substitutiva”, como tem sido utilizada pelo cristólogo Walter Kasper no seu livro: *Jesús, el Cristo*. O sofrimento e a morte de Jesus são por “solidariedade-substitutiva<sup>761</sup>”. Isso é próprio da revelação bíblica, o Deus da Aliança faz história com seu povo manifestando-se como seu o Go’el, ou seja, o

<sup>760</sup> Ibid., p. 308ss.

<sup>761</sup> KASPER, W. *Jesús, el Cristo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2002, p. 357ss.

padrinho, o “vingador” dos pobres, o defensor do povo, o Libertador e o Salvador no Novo Testamento como o próprio Jesus. Que significa “morrer no lugar de” por “solidariedade-substitutiva?” Alfonso García Rubio, no seu livro “O encontro com Jesus Cristo vivo” faz uma clara, simples e bela explicação sobre o que significa “substituir o lugar do outro”, no caso Jesus Cristo. Substituir não é tirar o lugar do outro<sup>762</sup>. Mas, é atitude amorosa de Jesus Cristo que “sendo rico se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza” (2Cor 8, 9) e assim oferecer gratuitamente a salvação. Jesus troca de lugar. Sai de si mesmo emigrando para o outro. Afirma categorialmente Karl Rahner: “Deus emigra de si, ele próprio, ele como a plenitude que se entrega graciosamente. Porque ele o pode fazer, porque essa é a sua livre possibilidade originária, razão pela qual ele se define na Escritura como o Amor, é que, em consequência, o seu poder-ser-criador<sup>763</sup>” para assumir o lugar do ser humano, porém, não tira a responsabilidade para se crer assumindo firmemente com ele, a caminhada. Cita como exemplo ficar por necessidade no lugar do outro numa fila. Determinados momentos o outro da fila há de reassumir na esperança o seu lugar. Assim é Jesus, sai de si mesmo para experimentar a vida humana, viver e morrer, pois, ele é o Deus-conosco, o Emanuel. Só se sabe o que é a dor do outro quando se passa pela mesma dor. Atente-se bem para não se compreender esse tipo de alteridade como a lei de talião. Por isso, há sempre de compreender Deus saindo de si para assumir a dor do outro por misericórdia. Deus é amor (1Jo 4, 16).

Destarte, pode-se concluir esta breve reflexão de um dos assuntos mais complexos em cristologia, afirmando ser Jesus, o Cristo-Deus, aquele que sofreu e morreu por “solidariedade-substitutiva” para salvar o ser humano de sua alienação e, por causa disso, das ambiguidades como assevera Paul Tillich<sup>764</sup>. Em todos os sofrimentos e mortes dos seres humanos, Jesus está presente, sofrendo e morrendo, para que também os seres humanos possam ressuscitar pelo seu poder de solidariedade-substitutiva.

Em Jesus, duas dimensões inseparáveis: morte e ressurreição, sua gênese e glorificação. Jon Sobrino reflete com seu princípio hermenêutico tendo como ponto de partida as vítimas latino-americanas e mais delimitado ainda as vítimas,

<sup>762</sup> RÚBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo*, op. cit., p. 130ss.

<sup>763</sup> RAHNER, K. *O curso fundamental da fé*, op. cit., p. 265-266.

<sup>764</sup> TILLICH, P. *Teologia Sistemática*, op. cit., p. 339ss.

os colonos salvadorenos de onde ele faz sua Cristologia da Libertação. Por isso, seu ponto de partida é a kênosis histórica de Jesus como a cruz histórica ao mesmo tempo em que se mostra como mistério de salvação, “realidade última”, pois é revelada como mistério do sacrifício redentor na cruz. Parte-se assim da kênosis histórica de Jesus chegando ao ápice na cruz para transformar-se na glorificação com sua ressurreição uma realidade da transcendência de Jesus. Hoje, cada vez mais, encaminha-se para superação da dicotomia entre as duas dimensões, entre a cristologia descendente, a da kênosis e a cristologia ascendente, a da glorificação. Na ótica da mística do evangelho joanino é a de que na kênosis está a transcendência quando se põe todos os eventos salvíficos na cruz como a morte, ressurreição e entrega do Espírito Santo (Jo 19, 30).

#### 6.4.1. O mistério da Salvação pela cruz

Não se pode refletir sobre a morte de Jesus na cruz<sup>765</sup> senão partindo do pressuposto de que tanto a morte como a salvação oferecida seja um mistério. Por isso, diz-se ser uma questão mais teológica e menos histórica por se tratar de um significado soteriológico<sup>766</sup>, tendo como realidade medular a morte e a ressurreição de Jesus numa perspectiva redentora no sentido de expiar os pecados de muitos (Mc 14, 24). Morreu em sacrifício pelos pecados dos outros e não pelos seus, pois ele não os tinha (Hb 7, 26). Sendo Jesus o Filho de Deus, poder-se-ia perguntar: Deus requer sacrifício cruento do seu próprio Filho para a salvação do gênero humano? Uma reflexão sobre os sacrifícios em Israel requer uma nova reinterpretação contextualizada no mundo atual<sup>767</sup>. Busca-se uma resignificação do sofrimento e da morte vicária do Servo de Iahweh confrontando com a atualidade e se vê como gestos de uma “solidariedade-substitutiva<sup>768</sup>”.

Sabe-se, a cruz era a forma mais cruenta de pena de morte do império romano para com seus insurretos. Do ponto de vista religioso judaico da época foi aplicada a pena capital a Jesus com o objetivo de desonrá-lo vergonhosamente, maculá-lo definitivamente para que Ele não pudesse ter a mesma sorte dos

<sup>765</sup> Ibid., p. 320ss.

<sup>766</sup> Ibid., p. 320.

<sup>767</sup> PIXLEY, J. Exige o Deus verdadeiro sacrifícios cruentos? In: ASSMANN, H. *René Girard com os teólogos da libertação*. Petrópolis: Vozes; Piracicaba: UNIMEP, 1991, p. 189-220.

<sup>768</sup> RÚBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo*, op. cit., p. 125-134. Veja-se que García Rúbio se inspira em KASPER, W. *Jesús, el Cristo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2002.

profetas martirizados, os quais ressurgiam posteriormente na memória do povo. Os primeiros cristãos foram capazes de pensar a cruz, tida como maldição e condenação, transformá-la em instrumento de bênção e salvação quando refletiram sobre a superação da Lei pela Fé em Jesus Cristo. A Salvação não vem pela prática da Lei, mas pela Fé em Jesus Cristo (Rm 3, 12). Vem pela graça misericordiosa de Deus, mesmo numa dimensão de paradoxo divino como a morte de cruz. Esta fé em Jesus leva a reinterpretar a cruz dos profetas, de Jesus e dos cristãos de maneira nova. De escândalo passa a ser salvação (1Cor 1, 17-25). O cristão é reconfigurado em Jesus, o crucificado e ressuscitado (Ef 1,10; Col 1, 20).

#### 6.4.2. Uma nova hermenêutica do sacrifício

Não se pode negar a teologia da morte de Jesus como sacrifício no Novo Testamento. Até porque os textos mais lidos e celebrados pelos cristãos são os que falam da morte de Jesus na cruz como sacrifício de salvação, vide o caso das palavras da última ceia<sup>769</sup>. Outros textos também usam esta linguagem cultural sacrificial: “cordeiro pascal imolado” (1Cor 5, 7), “cordeiro imolado que com seu sangue nos resgatou para Deus” (Ap 5, 9). No entanto, a Carta aos Hebreus afirma a abolição do sacrifício e sacerdócio antigos, ao mesmo tempo defende-os numa nova reconfiguração puramente existencial de entrega por uma causa. Quando se trata de doação mediante gestos existenciais de entrega plena a uma causa, o sacrifício é assim reinterpretado como o gesto profético de oferenda direcionando-o necessariamente para Deus, anulando toda a separação existente entre Deus e o oferente. Neste sentido, o sacrifício tem de ser reinterpretado como um gesto solidário de Jesus com os seres humanos, um gesto de solidariedade de Deus porque Jesus é Deus como assegura a profissão de fé de Pedro representante dos apóstolos (Mc 8, 29). Isto quer dizer em termos mais sistemáticos: O Pai Eterno mostra ao ser humano o quanto o ama, exprimindo por gestos supinos de doação a incomensurável medida do seu amor capaz de entregar para Salvação o seu próprio Filho na *kénosis* da encarnação e da cruz. Só se pode pensar assim se tiver como princípio interpretativo o Mistério Trinitário. Deus-Pai toma a iniciativa de vir até o ser humano para salvá-lo por meio de sua graça, porém participando da

<sup>769</sup> Cf.: 1Cor 11, 23-26; Mc 14, 24; Mt 26, 28; Lc 22, 20.

vida e da história. Essa participação se dá na história da encarnação com o gesto pleno da morte de seu Filho na cruz. Eis o porquê em Abraão se vê o sacrifício de Isaac por amor a Deus e na cruz se vê o sacrifício de Deus por amor aos humanos. O sacrifício e o sacerdote ofertante são o mesmo, o Filho de Deus, Jesus, o Cristo-Deus, por isso é único, perfeito, eterno e irrepetível o sacrifício e o sacerdócio de Jesus (Hb 7, 26-28).

Destarte, Deus sacrifica seu Filho como gesto supremo e sublime de amor para que o ser humano não mais precise de sacrifícios humanos para se salvar. Com isso não há mais separação entre Deus e o ser humano. Esse Filho de Deus é Jesus, Deus-homem, o qual é o “portador absoluto de salvação<sup>770</sup>” plena do ser humano mediante a “autocomunicação” de todo o Mistério de Deus nele<sup>771</sup>.

#### 6.4.3. Salvação na cruz como Nova Aliança

Partindo da teologia paulina sobre o momento de Jesus após a ceia tomar o cálice e dizer: “Este cálice é a nova Aliança em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim” (1Cor 11, 25), pode-se compreender a nova Aliança anunciada por Jeremias: “Eis que dias virão – oráculo de Iahweh – em que selarei com a casa de Israel (e com a casa de Judá) uma Aliança nova [...] (Jr 31, 31-34).

Esta Aliança reaproxima, de maneira nova e definitiva, Deus ao homem, por iniciativa do próprio Deus, quando se manifesta por gestos salvíficos a encarnação e a morte sacrificial de cruz<sup>772</sup>. Jesus não seria pleno em todas as suas dimensões se não tivesse assumido a morte de cruz, pois esta simboliza toda luta da história humana e até os extremos, isto é, um amor sem limites, absoluto e infinito. Nisto reside o amor de Deus. Assumir livremente a cruz é a forma de Deus revelar para o mundo sua prova máxima de amor salvífico e gratuito aos seres humanos. Na obra joanina há este amor de Deus se entregando infinitamente para ser sempre paradigma de salvação. Na cruz, de forma paradoxal, não se separa a transcendência divina de sua imanência histórica.

<sup>770</sup> RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, op. cit., p. 233.

<sup>771</sup> Ibid., p. 213ss: Sexta seção – Sobre Jesus Cristo

<sup>772</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 327.

Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna (Jo 3, 16-17). Nisto se manifestou o amor de Deus por nós: Deus enviou o seu Filho único ao mundo para que vivamos por ele (1Jo 4, 9-10). Nós temos reconhecido o amor de Deus por nós, e nele cremos. Deus é amor: aquele que permanece no amor, permanece em Deus e Deus permanece nele (1Jo 4, 16).

Destarte, Jesus morreu na cruz, não como os antigos sacrifícios cruentos de derramamento de sangue, mas porque Deus quis revelar seu amor pela humanidade ao salvá-la de todo pecado mediante seu gesto supremo de amor. Afirma Jon Sobrino: “a vida e a cruz de Jesus é aquilo em que o amor de Deus aos homens se expressa e se torna o mais real possível<sup>773</sup>”. A cruz é consequência dessa decisão amorosa de Deus ao sair de si mesmo tornando-se humano e assumindo com todos e para todos, tudo aquilo que precisava salvar como: o sofrimento, o “pecado”, a pobreza, a dor, o “mal” e a morte. A morte de Jesus não deixa de ser histórico-cultural. A partir dela, ganhou significado simbólico todo tipo de morte na cruz e se eternizou para todos seguimento de salvação.

Concluindo esta reflexão com a afirmação de Jon Sobrino: “a morte de cruz para a nossa Salvação não entra na lógica racional, mas somente da fé. No caminho da fé, a cruz de Jesus é salvífica porque nela apareceu em sua expressão máxima o amor de Deus aos seres humanos<sup>774</sup>” com a finalidade tanto libertadora nesta história como salvadora na transcendência histórica.

### 6.5. “O ressuscitado é o crucificado”

“O ressuscitado é o crucificado<sup>775</sup>” é a conclusão que se pode tirar do evangelho de João quando Jesus aparece aos seus discípulos após sua morte. É uma constatação “quase empírica”, porém, de forma testemunhal de Tomé quando, ao tocar nas chagas do Jesus ressuscitado, passa a crer firmemente de que é o mesmo Jesus dilacerado na cruz: “[...] Disse Jesus a Tomé: ‘Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo,

<sup>773</sup> Ibid., p. 334ss.

<sup>774</sup> Ibid., p. 336.

<sup>775</sup> Id. *Jesus na América Latina, op. cit.*, p. 216-239. Veja-se também: KASPER, W. *Jesús, el Cristo, op. cit.*, p. 368. Remete ao capítulo dez sobre o “conteúdo da ressurreição de Jesus”.

mas crê!’ Respondeu-lhe Tomé reconhecendo a grandeza divina de Jesus: ‘Meu Senhor e meu Deus!’” (Jo 20, 27-28).

Jesus como o *logos* encarnado não deixa de ter sua fundamental condição ontológica. Aqui se assume como verdade fundamental irrenunciável. Essa realidade divina de Jesus no pensamento de Jon Sobrino de forma nenhuma está olvidada, muito pelo contrário, assevera veementemente ser Jesus o *logos* encarnado<sup>776</sup>, o Cristo Deus. Por livre decisão de sua vontade (Ef 1, 9) esvaziou-se de sua condição divina (Fl 2, 6), concomitante e historicamente assumiu a condição humana na existência como forma de escravo num grande projeto de amor e liberdade até a morte de cruz (Fl 2, 8). Evidentemente, Sobrino não aprofunda muito na sua cristologia a *kênosis* intratrinitária de Jesus como Filho de Deus a não ser quando faz sua teologia do sofrimento e da morte de Jesus, o Deus crucificado<sup>777</sup>. Essa teologia da *kênosis* intratrinitária se patenteia com maestria entre católicos e ortodoxos bem como o pensamento reformado<sup>778</sup> quando analisam a *kênosis* no amor intratrinitário. Entretanto, na realidade, aqui interessa a *kênosis* histórica do Filho de Deus.

Jon Sobrino no seu livro *Jesus, o Libertador*, a terceira e última parte é um estudo sobre a cruz de Jesus. Essa parte se apresenta com três realidades correlacionais, formando assim uma peça inteiriça entre a morte de Jesus na sua realidade histórica e soteriológica e por Jesus ser Deus, também é um Deus crucificado, e os povos crucificados da América Latina e de forma bem caracterizada os que estão ao redor do referido teólogo, os salvadorenos<sup>779</sup>. Jesus, o *logos* divino encarnado na forma de escravo passa a ser vítima dos sistemas de dominação, da religião institucionalizada e suas interpretações fundamentalistas tanto da lei como do Templo e do sistema político de seu tempo, o qual estava arquitetado com dois grandes poderes, o mais forte exterior – o império romano – e um subsequente poder político interno. Ambos viviam em “alianças” para governarem o povo. Ele reflete sobre a *kênosis* de Jesus numa

<sup>776</sup> Id. *A fé em Jesus Cristo*, op. cit. Capítulo 13

<sup>777</sup> Id. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 338ss.

<sup>778</sup> BULGAKOV, S. *L'agnelo di Dio, Il mistero del verbo incarnato*. Roma, Città Nuova, 1990. Apud: XAVIER, D. J. A *kênosis* trinitária. In: *Revista de Cultura Teológica*. Ano XV, n. 59, abr/jun [2007], p. 43-63. Esta teologia *kenótica* cresce e se fortalece na cogente práxis cristológica latino-americana como neste artigo de Donizette Xavier sobre a *kênosis* trinitária e MOLTSMANN, J. *Trindade e Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 75ss.

<sup>779</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o libertador*, op. cit., p. 366ss.

perspectiva a partir das vítimas latino-americanas históricas por se tratarem de povos dizimados historicamente, os quais são matrizes de tantos outros, conseqüentemente descendentes oprimidos bem como de povos escravizados formando por assim dizer “o povo crucificado”. Um povo crucificado porta necessariamente uma “soteriologia histórica”<sup>780</sup>, isto é, uma salvação já com dimensões históricas, entretanto, não foge da tensão entre as realidades imanente e transcendente, mas aquela transcende para fora de si mesma, pois seu “fim” escatológico é além da história<sup>781</sup>.

Toda a perspectiva da cristologia de Jon Sobrino é a partir das vítimas inocentes aviltadas pelos poderes institucionais deste mundo latino-americano, os quais deixam as vítimas sem a dignidade do seu próprio ser. As vítimas são obrigadas culturalmente a viver numa situação de humilhação *kenótica*. Jesus, por solidariedade com essas vítimas, vive na *kênosis* da existência histórica – para incluí-las novamente no seu plano de salvação no Reinado de Deus<sup>782</sup>. Necessário se faz estabelecer alguns pressupostos na cristologia latino-americana para compreender a *kênosis* histórica de Jesus.

## 6.6. Integração entre Jesus histórico e o Cristo da fé

A afirmação de Jon Sobrino “*Cristo não é outro senão Jesus*”<sup>783</sup> supera de uma vez por todas a dicotomia existente entre o Jesus histórico e o Cristo da fé e, ao mesmo tempo, elimina o dualismo entre as cristologias descendente e ascendente<sup>784</sup>. A grande dificuldade está em fazer uma reflexão cristológica que não seja nem só descendente nem só ascendente, exclusivamente. Há sempre de se recuperar a tradição primitiva da literatura paulina onde se patenteia as duas dimensões cristológicas, as quais inseparáveis.

O Jesus como servo de Deus no escrito aos filipenses era de condição divina e não se apegou a esta condição, esvaziou-se de si e assumiu a forma de escravo, por isso Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu um nome que está acima de todo nome para todos o adorarem (Fl 2, 5ss). Desta forma, compreende-se que

<sup>780</sup> ELLACURÍA, I. El pueblo crucificado. In: ELLACURIA, I.; SOBRINO, J. (Org.). *Mysterium Liberationis*. Tomo II. Madrid: Editorial Trotta, 1990, p. 189-216.

<sup>781</sup> GNILKA, J. *Jesus de Nazaré: Mensagem e História*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 35-70.

<sup>782</sup> SOBRINO, J. O Reino de Deus anunciado por Jesus: Reflexões para o nosso tempo. In: *Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 241-261. Id. *Jesus, o Libertador*, op. cit., 366ss.

<sup>783</sup> Id., *Jesús en América Latina*, op. cit., p. 24.

<sup>784</sup> RÚBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo*, op. cit.. Veja-se o primeiro capítulo.

no servo de Deus estão correlacionadas as duas dimensões descendentes e ascendentes da cristologia. Assim, também se respeita a afirmação dogmática conciliatória de Calcedônia de que Jesus é divino e humano, não se separam nem se misturam<sup>785</sup>.

Na linguagem unificada, pode-se dizer ser Jesus Cristo, o servo de Deus, divino humanizado e humano divinizado. Como afirma Leonardo Boff: “divino assim só podia ser humano e humano assim só podia ser divino<sup>786</sup>”. A divindade de Jesus se manifestava em suas ações misericordiosas além do humano normal, um “*ser-para os outros*” em plenitude já terrena, por isso, dizer-se: “humano assim, só sendo Deus”. Ao mesmo tempo, a humanidade de Jesus se revela na sua divindade compreendendo o ser humano pecador e vitimado pelas injustiças de todos os tipos com sabedoria e eficácia, o que levava as pessoas a se admirarem de tamanha autoridade sapiencial. Há de se afirmar: “Só alguém divino pode compreender o ser humano auscultando seu interior, só sendo Deus<sup>787</sup>”.

A Cristologia da Libertação mesmo bebendo nos estudos históricos e arqueológicos não se preocupa tanto com a história da existência de Jesus<sup>788</sup>, mas antes em compreender o Jesus histórico dos escritos narrativos dos evangelhos como forma de seguimento na mística e faz a diferença entre o Jesus da história e o Jesus histórico ao mesmo tempo em que não separa o Jesus histórico do Cristo de fé, como salientou Jon Sobrino.

### 6.7. Cristologia da cruz Latino-americana

Para se refletir sobre a “Cristologia da cruz” ou “Evangelho da cruz” como cunhou Juan Luis Segundo já lendo Leonardo Boff<sup>789</sup>, necessariamente se deve partir do *locus christologicus* – lugar cristológico – das vítimas latino-americanas ou do terceiro mundo, os empobrecidos, os quais constituem a Igreja dos pobres, ao mesmo tempo em que é a Igreja apostólica<sup>790</sup>. Não se deve fazer a dicotomia entre a Igreja dos pobres e a Igreja apostólica.

Na época de Jesus, os que conviveram com ele, historicamente, foram os pobres formando a Igreja-comunidade, pois, eram considerados pobres

<sup>785</sup> DH, 300-303.

<sup>786</sup> BOFF, L. *Jesus Cristo Libertador*, op. cit., p. 131.

<sup>787</sup> Ibid., p. 136.

<sup>788</sup> SOBRINO, J. *Jesus na América Latina*, op. cit., p. 15ss.

<sup>789</sup> SEGUNDO, J. L. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. V.2, 1, op. cit., p. 3-16.

<sup>790</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 363.

desprezados pela religião oficial. Entre os primeiros discípulos apóstolos de Jesus, o nazareno<sup>791</sup>, estavam pescadores e cobradores de impostos. O próprio Jesus, tanto historicamente, é um pobre<sup>792</sup> como no sentido místico da teologia paulina é um pobre que “embora sendo rico, fez-se pobre para enriquecer com a sua pobreza” (2 Cor 8, 9) a todos os pobres. Isso não elimina a Igreja apostólica, pois esta se compreende desde seus primórdios como uma Igreja essencialmente dos pobres<sup>793</sup> conforme a eclesiologia paulina da primeira carta aos coríntios:

Vede, pois, quem sois irmãos, vós que recebestes o chamado de Deus; não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de família prestigiosa. Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é, a fim de que nenhuma criatura possa vangloriar-se diante de Deus. Ora, é por ele que vós sois em Cristo Jesus, que se tornou para nós sabedoria proveniente de Deus, justiça, santificação e redenção, a fim de que, como diz a Escritura, aquele que se gloria, glorie-se no Senhor (1Cor 1, 26-31).

Aqui, ousa-se interpretar os termos: “vil, desprezado e o que não é”, no pensamento paulino como sendo os empobrecidos desse mundo, os “sem-Vida” e os “sem-Justiça” do Reino de Deus por que lhes foram tiradas pelos poderes opressores da riqueza e da política, como afirma acertadamente João Paulo II, no discurso inaugural na Conferência de Puebla: “Ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres<sup>794</sup>”. A partir de Jesus, e por meio dele, esses empobrecidos passam a ser o que são, verdadeiramente, uma comunidade dos redimidos por Jesus. Esta comunidade eclesial pode ser considerada toda ela apostólica, não somente por ter a presença do apóstolo Paulo, mas por ser ela escolhida por Deus, mesmo sendo pobre, para ser por testemunho e ação no

<sup>791</sup> BOFF, L. Cristologia a partir do nazareno. In: VIGIL, M. J. (Org.). *Descer da cruz os pobres: Cristologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 30-36.

<sup>792</sup> DUPONT, J. *Jesus, messias pobre e messias dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 45ss. Ver também: GALILEA, S. *A inserção na vida de Jesus e na missão*. São Paulo: Paulinas, 1992.

<sup>793</sup> SOBRINO, J. *Opción por los pobres*. Disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/relat/251.htm>>. Acesso em: 07 mai. 2009.

<sup>794</sup> JOÃO PAULO II. Discurso inaugural pronunciado no Seminário Palafoxiano de Puebla de Los Angeles, México, em 28/01/1979. Retomando Paulo VI: “Quando Paulo VI declarava que o desenvolvimento é novo nome da paz, tinha presentes todos os laços de interdependências que existem não só dentro das nações, mas também fora delas, em nível mundial. Levava em consideração os mecanismos que, por encontrar-se impregnados não de autêntico humanismo, mas de materialismo, produzem em nível internacional ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres”.

mundo a comunidade dos redimidos por Cristo mediante a “sabedoria proveniente de Deus, justiça, santificação e redenção” (1 Cor 1, 31)

Partindo de Jesus como um empobrecido, há de se compreendê-lo necessária e fundamentalmente como um Deus-menor<sup>795</sup> conforme Jon Sobrino, pois a afirmação dogmática conciliar calcedoniana é a de que Jesus é “verdadeiro homem e verdadeiro Deus”. Neste contexto cristológico e eclesial a partir dessa perspectiva se tenta desvendar o mistério de Jesus, o qual é como assegura a afirmação dogmática princípio sem princípio, isto é, infinito, “Deus verdadeiro de Deus verdadeiro<sup>796</sup>”. Esse Jesus como afirma o Concílio de Calcedônia (451 d. C.), é Deus e homem ao mesmo tempo, por isso se pode afirmar ser Jesus o Mistério absoluto e mesmo sendo homem permanece Deus e do qual se pode asseverar com Karl Rahner quando escreve sobre esse Mistério divino: “Deus é o ser absoluto, o fundamento absoluto, o mistério absoluto, o bem absoluto, o horizonte definitivo e absoluto em cujo interior se realiza a existência humana na liberdade, no conhecimento e no agir<sup>797</sup>”. Esse Jesus é o “Jesus de Nazaré, o Cristo, Filho de Deus, por isso, Maria de Nazaré é chamada a Mãe de Deus<sup>798</sup>”. E por ser Filho de Maria de Nazaré, mesmo sendo Deus, emerge assim o que se chama “Cristologia a partir de baixo<sup>799</sup>” e ao mesmo tempo uma “Cristologia Transcendental<sup>800</sup>” como a classificou Karl Rahner. Só se pode entender essa cristologia a partir da *kênosis* de Jesus, como Deus que se faz humano com Carne da carne humana, com Corpo do corpo humano, com História da história humana, com Família da família humana, com Pobreza da pobreza humana.

Essa *kênosis* de Jesus é humano-existencial, histórica, por causa disso surge a cristologia a partir de baixo, a partir de dentro das realidades imanentes. Na realidade histórica está a transcendência de Jesus. Tanto se pode dizer ser Jesus o transcendente na imanência como o imanente transcendente. Não é uma realidade somente transcendente por “um mais” dentro do real. É dentro da

<sup>795</sup> SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*, op. cit., p. 137.

<sup>796</sup> DH, 301.

<sup>797</sup> RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, op. cit., p. 94.

<sup>798</sup> GEBARA, I. Cristologia Fundamental. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 48, fasc. 190, p. 259-272, [jun.] 1998.

<sup>799</sup> SOBRINO, J. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas, 2008. Todo o livro é escrito nesta perspectiva da “Cristologia a partir de baixo”. Veja-se também uma explicação bem acurada do que seja uma “Cristologia a partir de baixo”. In: HAIGHT, R. *O futuro da Cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 31ss.

<sup>800</sup> RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, op. cit., p. 247ss.

imanência que se projeta para o infinito o próprio Jesus ao chegar à plenitude na ressurreição. Eis por que se levanta de forma crescente e plausível a afirmação segundo a qual *kênosis* não esbarra em si mesma, mas leva necessariamente à glorificação de Jesus já no âmbito histórico, pois no sentido do seu ser a glorificação é sempre uma realidade constitutiva deste. E como o ser de Jesus somente se pode compreender pelo seu fazer – atuação histórica – conclui-se que, ambas as realidades, *kênosis*/glorificação não se dicotomizam, mas integram unitária e necessariamente.

Na *kênosis*, Jesus não deixou de ser Deus, por isso não abandonou o esplendor de sua glória, mas revelou de outra maneira com o objetivo salvífico. Seria um limite injustificado para Deus não poder assumir uma realidade existente alienada. Assim, a *kênosis*/glorificação histórica de Jesus acontece com sua ação de instauração do Reino chegando à plenitude na ressurreição. Aqui se supera a dicotomia de algumas teologias de que a *kênosis* de Jesus estaria separada da glória ou a glória somente se pode perceber no momento posterior à sua *kênosis*. Pode-se afirmar acertadamente de que na *kênosis* já há uma transcendência, melhor dizendo com Leonardo Boff: “uma transdescendência” para subir ao mais alto na sua transcendência<sup>801</sup>.

Desta forma se aceita de forma cogente a afirmação de que “o crucificado é o ressuscitado” e vice-versa. Sobrino retoma a cristologia mais remota possível dos quatro escritos do Evangelho e Atos dos Apóstolos, evidentemente a partir das vítimas latino-americanas. A experiência na fé que os apóstolos tiveram para os quais o ressuscitado é o crucificado está testemunhada e anunciada de forma querigmática na aparição e palavras de Jesus para Tomé após ressurreição: “Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende a tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!” (Jo 20, 27). Esta experiência na fé cujo escopo se assevera a morte não ter a última palavra na história, ou seja, os contravalores do mundo não têm a última palavra na vida e na história, mas sim os valores do Reino, pois Jesus é o vencedor. Assim, a ressurreição de Jesus, o crucificado, leva necessariamente à experiência na fé de que o verdugo não triunfa sobre a vítima inocente e injustiçada. A vitória é sempre da vítima, no caso de Jesus, por ser

---

<sup>801</sup> BOFF, L. *Tempo de Transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000, p. 75-81.

Deus-humanado, também transmite necessariamente essa mesma força de ressurreição a todos seus seguidores<sup>802</sup>.

Os termos: “kênosis/glorificação” e “o ressuscitado é o crucificado e vice-versa” querem mostrar a correlação entre essas dimensões imanente/transcendente de Jesus. Vê-se claramente tratar-se de uma realidade una em uma dualidade correlata das cristologias descendente e ascendente superando a dicotomia existente entre ambas. Neste sentido, afirma-se de maneira convincente de que o título Jesus-servo de Deus é o mais apropriado para superar a dicotomia existente entre essas cristologias. Isto faz a cristologia ser a “partir de baixo”, mas sem dicotomias entre as cristologias descendentes e ascendentes, pois ambas formam uma interação como recentemente foi defendido por Roger Haight<sup>803</sup>. Notadamente, transcende a partir do “homem” com seu “existencial sobrenatural” como o asseverou Karl Rahner com a “Cristologia Transcendental<sup>804</sup>”. Surge assim uma Cristologia da Libertação num processo histórico transcendendo sempre com um “mais” na história e além dela.

É importante se conceber, filosoficamente, o termo “transcendente” como substantivo masculino ou “transcendência” como substantivo feminino. O vocábulo transcendente vem do latim *transcendens* significando, em primeiro lugar, “o que está além de determinado limite, tomado como medida ou como ponto de referência” e, em segundo lugar, uma “operação de ultrapassar<sup>805</sup>”. Em se tratando de transcendência foi usado inicialmente para falar do “estado ou da condição do princípio divino, do ser além de tudo, de toda experiência humana enquanto experiência das coisas ou do próprio ser”, bem como, “o ato de se estabelecer uma relação, sem que esta signifique unidade e identidade de seus termos, mas sim garantindo, como a própria relação, a sua alteridade<sup>806</sup>”.

Tradicionalmente, transcendente compreende-se como uma realidade oposta à realidade imanente. Criou-se a ideia de que o “real imanente” é tudo aquilo sensível do conhecimento empírico, histórico e espacial. Em contraposição está o real transcendente invisível, infinito, ilimitado, o qual não se pode imaginar com as categorias da razão instrumental. Em se tratando de Deus como totalmente

<sup>802</sup> SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*, op. cit., p. 32.

<sup>803</sup> HAIGHT, R. *O futuro da Cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 31ss. Id. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

<sup>804</sup> RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, op. cit., p. 247.

<sup>805</sup> ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 1160.

<sup>806</sup> *Ibid.*, p. 1157.

outro, é Mistério inefável<sup>807</sup> revelando-se o suficiente e necessário em Jesus, o Cristo, para a salvação do gênero humano<sup>808</sup>. Essa revelação chegou à plenitude em Jesus Cristo; entretanto, a presença plena do Cristo ressuscitado está também dinamicamente no Espírito Santo que não é somente presença, sobretudo, promessa<sup>809</sup>. Jesus afirma: “Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos guiará na verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras” (Jo 16, 13).

Entretanto, a cristologia a partir de baixo, tendo como ponto principiante e norteador a *kênosis* de Jesus, há de se entender transcendência de forma diferente. As realidades imanentes e transcendentais não estão em lados opostos nem ausentes uma da outra. Dentro do real imanente está o transcendente do “além de”, do “mais que isso”. O termo transcendente ou transcendência neste sentido é a capacidade do ser humano projetar-se para fora de si para alcançar a plenitude e o infinito. Ele como ser de “desejo metafísico<sup>810</sup>” é um “ser de transcendência<sup>811</sup>” para o infinito. Assim, pode-se afirmar: o Ser humano possui sua origem em Deus, caminha nele e destina-se para Ele. Projeta-se para um “horizonte absoluto”, infinito e transcendente, o qual se denomina Deus<sup>812</sup>.

Essa concepção de transcendência, não a partir do outro lado oposto, mas a partir da realidade imanente transcendente projetando-se para o infinito leva a descobrir novas mediações para fazer a Cristologia da Libertação superando a dicotomia entre as cristologias descendente e ascendente. Por isso, Jon Sobrino faz duas afirmações, lapidar e acertadamente: a primeira, “Jesus não é outro senão o Cristo” superando assim a dicotomia entre o Jesus histórico e o Cristo da fé, apesar de a Cristologia Latino-americana da Libertação partir do Jesus histórico<sup>813</sup> e, a segunda, “O ressuscitado é o crucificado” superando assim o hiato entre a realidade histórica de Jesus como a *kênosis* e a realidade da glória como a ressurreição, a qual possibilitou a aplicação de títulos de glória como o de “Senhor” (At 2, 36).

<sup>807</sup> FÉLIX PASTOR, A. *A lógica do inefável*. Col.: Fé e realidade, 27. São Paulo: Loyola, 1989.

<sup>808</sup> Constituição dogmática *Dei Verbum* 2-6.

<sup>809</sup> ZILLES, U. A Revelação acabou com a morte do último apóstolo? *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, v. 32, fasc. 125, p. 42-59, [mar.] 1972.

<sup>810</sup> LÉVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 21ss.

<sup>811</sup> RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, op. cit., p. 46ss.

<sup>812</sup> Ibid., p. 60ss.

<sup>813</sup> SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*, op. cit., p. 100.

Partindo dessa transcendência de ser humano, conseqüentemente, haverá nova compreensão de história da salvação. Essas duas afirmações cristológicas: “*Jesus não é outro senão o Cristo*” e o “*ressuscitado é o crucificado*” sustentam basilaramente a interseção, ponto de cruzamento, no título *Jesus-servo de Deus*, como sendo uma superação da dicotomia entre os esquemas cristológicos descendentes e ascendentes, de rebaixamento e exaltação, de imanência e transcendência. Se o Jesus Servo de Deus pode açambarcar as duas asserções assim se sustenta ser o título não só interativo de ambas as dimensões imanente e transcendente como formam uma realidade única na pessoa de Jesus Cristo.

Juan Luis Segundo faz uma “Teologia da cruz<sup>814</sup>”. Só a partir do Jesus como servo se pode reconfigurar todos os outros títulos em uma cristologia da cruz superando a dicotomia entre imanência e transcendência compreendendo melhor o dogma cristológico de Calcedônia (451 d. C.) de que Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, nele há uma única pessoa em as duas naturezas: divina e humana: não se separam nem se misturam, não há mudanças nem se confundem, são distintas, unidade na dualidade, sendo na pessoa de Jesus, o Cristo, uma integração harmoniosa<sup>815</sup>.

## 6.8. Conclusão

Concluindo o quinto capítulo da segunda parte desta tese, pode-se fazer algumas ilações no tocante ao destino de Jesus como “portador universal de salvação<sup>816</sup>”. A primeira ilação a fazer é sobre a morte redentora de Jesus como uma questão histórica. Jesus foi levado à morte prematura e injusta pelo poder religioso, condenado por blasfêmias (Mt 26, 65) e pelos seus enfrentamentos com a lei judaica e a administração do Templo com seus sacrifícios. Ele é condenado em nome de Deus (Mt 26, 63-66) e como amaldiçoado por Deus conforme a lei do Deuteronômio: “[...] O que for suspenso é um maldito de Deus” (Dt 21, 22-23).

A segunda ilação é a questão política da morte de Jesus, pois é um poder político dos romanos, dominador dos judeus, que condena Jesus como subversivo (Lc 23, 2). E a terceira ilação é a morte redentora de Jesus por livre, espontâneo e gratuito gesto de amor pelo ser humano ao se encarnar e em consequência de sua

<sup>814</sup> SEGUNDO, J. L. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. V. 2, 1. *Op. cit.*, p. 3-16.

<sup>815</sup> DH, 302.

<sup>816</sup> RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, *op. cit.*, p. 233.

honradez com a história levou até o fim seu projeto e por isso sua morte teve eficácia redentora para poder ressuscitar. A partir destas três questões ensaiam-se novas perspectivas como a dualidade indissociável entre a Teologia da kênosis e da exaltação de Jesus na cruz. Pôs-se o termo correlato *kênosis/glorificação* de Jesus para mostrar esta realidade inseparável entre cruz e ressurreição.

Tendo estas realidades com bases fundamentais há de se fazer também necessariamente uma ligação correlacional entre a cristologia e a soteriologia com uma nova hermenêutica do sacrifício de Jesus. Toda a vida de Jesus foi uma vida do sacrifício existencial. Sendo assim, a salvação oferecida por Jesus é histórico-existencial com dimensões transcendentais. A morte/ressurreição de Jesus possui uma eficácia redentora histórica e salvífica escatológica. A teologia revelada no Evangelho de João nas aparições de Jesus ressuscitado com as marcas do crucificado levou Jürgen Moltmann, seguido de Jon Sobrino, a cunhar lapidarmente a expressão: “*O ressuscitado é o crucificado*”. Isto quer afirmar ser o ressuscitado o mesmo crucificado, não havendo dois “Cristos”, mas um só e mesmo Jesus. Não há também dicotomia entre a realidade histórica de Jesus e a realidade pós-ressurreição. O máximo que se pode compreender são dois momentos inseparáveis<sup>817</sup>.

Não há, assim, separação entre o Cristo da fé e o Jesus histórico. Por isso, Jon Sobrino afirma categorialmente: “*Cristo não é outro senão Jesus*”. Por uma forma somente metodológica, muitas vezes, destaca-se um dos pólos do Cristo da fé ou do Jesus histórico. Mas, há uma integração perfeita na Cristologia da Libertação, principalmente, a de Jon Sobrino.

---

<sup>817</sup> RÚBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo, op. cit.* Veja-se no primeiro capítulo.